

EXPERIÊNCIAS BONITAS COM REGINA LEITE GARCIA E SUAS PROVOCAÇÕES COM OS PROCESSOS FORMATIVOS: CONTAR E ENCANTAR É PRECISO

ALEXSANDRO RODRIGUES
XELA_ALEX@BOL.COM.BR

Resumo: O presente artigo tem como objetivo abrir uma conversa afetiva, implicada com os entremeios do trabalho de Regina Leite Garcia em seus modos bonitos de entrar e permanecer na luta social, ou seja, a escrita desse texto emerge das redes de afetos produzidas em sua atuação e a elas almeja retornar. O texto buscou costurar momentos/acontecimentos como experiências, em que sua presença e de suas redes contribuíram e contribuem de forma significativa para a emergência da novidade. Na construção desse artigo pode-se afirmar e confirmar o trabalho e a vida de Regina Leite Garcia como obra de arte, quando, sem nenhuma dificuldade, sua coerência política a favor da escola pública, comprometida com a justiça social, mostra-se e entremeia sua vida, seu trabalho com a educação e com as classes populares.

Palavras-chave: Experiências. Emergência. Processos formativos. Vida.

Abstract: The present article aims to open an emotional conversation, implicated with “the between” Regina Leite Garcia’s work in her beautiful ways to get into the social struggle and keeping on fighting. In other words, the writing of this essay emerges from the affectives nets produced in her acting and aims to come back to it. The text tried to sew moments / events like experience in which her presence and networks have contributed and contribute significantly to emergency of novelty. In the construction of this article, we can affirm and confirm the work and life of Regina Leite Garcia as a work of art when, without any difficulty, the political coherence of her, in favor of public school, committed to social justice, shows up and intersperses her life, her work with education and with the popular classes.

Keywords: Experience. Emergency. Training processes. Life.

Introdução

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de remexerem dos lugares. (...) São tantas horas das pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo e recruzado (ROSA, 2001, p. 200).

Este texto, como pretexto para um bom encontro, assume como atitude política o caráter autobiográfico/memorialístico/cotidianista que tomo como desafio e tarefa ao desenhar essa narrativa implicada com uma vida feita de gente, tempos e lugares *recruzados*. Vale afirmar que esta escrita arisca – que traça linhas de fugas e que desliza entre afetos, afecções e (des)aprendizagens – não tem só por intenção dizer “quem é” Regina Leite Garcia como Professora, muito menos dizer da importância de seu trabalho e de seu pensamento militante e inconformado sobre algumas versões que nos contaram e contam sobre a educação brasileira, as crianças e professoras² das classes populares com a escola pública. Longe disso! Mas não se isenta de afirmar deslocamentos provocados em encontros (des)aprendentes com esta Professora que nos ensina, porque aprende com o outro nas diferentes salas de aula e escolas por onde se faz presente, ainda que seja através do outro e do outro como “legítimo outro”.

Regina acredita em conhecimentos plurais que se tecem, destecem e retecem nas relações democráticas do *aprenderensinaraprender*. Por isso a escola pública e as salas de aula assumem e são *lócus* ideais para o exercício diário da vida democrática com o conhecimento, a pluralidade e o acontecimento. Considerando o professor e a professora como sujeitos em processos coletivos (des)aprendentes, a sala de aula, a escola e as relações lá tecidas garantem para a docência implicada com a justiça social palco e estreia diária, no coengendramento de forças, que se confirma, quando dispostos estamos em ampliar de forma política a compreensão dialógica presente no ato educativo, onde

aprende quem ensina e ensina quem aprende, num rico processo de hibridização, em que cada dia em que saem da sala de aula a professora ou professor, e cada aluno e aluna, saem diferentes. Por quê? Porque aprenderam alguma coisa que não sabiam. (GARCIA; MOREIRA: 2012).

Falar de Regina, de seu trabalho, de suas lutas não é uma tarefa fácil, compreendendo sua complexidade e sua capacidade renovada em lidar de forma aguerrida com o presente em suas situações limites. Qualquer tentativa não passaria de uma versão reduzida e simplificadora do muito que significa seu trabalho

² Assumiremos neste texto o gênero feminino como opção política, compreendendo que em sua maioria a escola é vivida por mulheres. Ainda que, com isso, possamos afirmar que o gênero da educação seja o masculino.

e sua vida como “obra de arte”³ para aqueles que, com ela, aprenderam como tarefa e exercício diário a “ouvir o barulho da relva crescer” (MAFFESOLI, 2003, p. 75). Não é deste lugar que me coloco nesse exercício de escrita. Coloco-me e sou colocado no *entre* com Regina e, nesse *entre*, porque nosso, de muita gente, e de muitas histórias, buscarei alinhar, porque me importa, nos importa, sua presença em nossos deslocamentos *dodicientes*.

Aprendo com Regina e com os estudos com os cotidianos em sua polifonia e polissemia a necessidade de juntar palavras como tentativa de fazer falar e pôr a funcionar outros sentidos/sentimentos e, por que não, outras linguagens. “Quando falo linguagem, quero me reportar ao sentido bakhtiniano de língua em movimento, que se constrói, desconstrói, renova a todo momento – língua viva em pleno processo de atualização” (GARCIA, 1995, p. 82). Regina é sempre novidade, acontecimento, atualização! Nunca é quem pensamos que ela seja. Guarda em si o sentido de infância e novidade.

Para alguns que me conhecem e também a Regina, suponho que devam estar se perguntando o porquê de no título desse trabalho *embichar* estar vinculado ao trabalho dessa professora. E por que não estaria!?... Seu trabalho nos mostra isso, principalmente à medida que começa a usar @ como forma de afirmação de outros corpos e gêneros na educação e na escola pública. Acalmem-se, brevemente buscarei explicar, mas, de antemão, aviso, não se espantem caso não der conta de responder a esta questão *embichadora*! Como uma bicha que não se dá a conhecer em meias palavras, pois sendo e se fazendo com o outro e com restos de tempos e lugares recruzados, processo e potência permanente, uma vida como obra de arte, Regina é desse tipo de gente, gente embichada. Contamina e se deixa contaminar. Pura surpresa!

Tomando-a como potência e campo de novidade, o que sei neste momento é que “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. (...) Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância” (ROSA, 2001, p. 115). E, por ser assim, persigo esta história contando-a e alinhavando-a com os fios de memórias que me são caras, pois colhidas/escolhidas.

³ Por obra de arte, compreendo com Foucault: uma vida memorável (FOUCAULT, 2014).

Colher histórias me parece ser uma das especialidades de Regina. Recolhê-las, narrá-las, valendo-se estrategicamente de uma arte escrita feminina, feminista e descolonizada como arma de guerra. Vale dizer que as forças de Regina não se encontram somente em seus textos. Os textos não são suficientes, mas me parecem um bom começo. Neles encontramos uma aposta de vida e um existir que não se conformam com o fracasso escolar das classes populares, com a monocultura e com os epistemicídios, fascismos, racismos, sexismos, genocídios e outras formas de opressões que rondam algumas vidas, consideradas como menor ou de pouca importância.

Para conhecer Regina, é preciso com ela com-viver. Penso Regina como verbo, ação e movimento. Em um de seus textos, tecendo comentário sobre as pesquisas com a educação e suas ressonâncias na escola e nos *saberes-fazer*s de professores, discorre sobre conteúdo e forma como condição necessária e compromisso ao endereçamento que afirma um bom encontro com o leitor. Regina nos convida a falar uma língua viva e, nessa direção, se põe a falar com alguns pesquisadores que a afetam e que, para ela, desenvolveram essa aprendizagem no uso da escrita em suas militâncias a favor de um mundo mais justo. Dois deles me chamam atenção: Paulo Freire e Glória Anzaldúa.

Em Paulo, forma e conteúdo estão fortemente articulados. (...) Paulo Freire é como fruta madura ou como vinho, quanto mais velho, melhor foi ficando. Nele, saber e sabor foram se aproximando até se tornarem indissociáveis. (...) Longe de portar-se como quem tudo sabe, mostrava-se um permanente aprendiz. (GARCIA, 2001, p. 24)

De Glória Anzaldúa, como fio de uma rede, onde forma e conteúdo importam, como compromisso com o que se pesquisa e com o que se escreve e para quem se escreve, Regina pondera, como aprendizagem:

Anzaldúa rejeita a dicotomia em favor de ambos, defendendo uma identidade sempre em processo. A identidade seria como um rio que flui, um processo. Recusando-se a identidade binária, rompe com todas as dicotomias: entre masculino e feminino, entre razão e emoção, entre gay e normal, entre branco e de cor, entre mítico e real, entre mente e corpo, entre espírito e matéria, entre oralidade e escrita. Ela se sente e se afirma na fronteira, no entre-lugar, daí valer-se de múltiplas estratégias de escrita. (...). (GARCIA: 2001, p. 32)

Aprendendo e ensinando com Paulos, Glórias, Ciços, Edwiges, Teresas, Carméns, Alexs, Marcios, Carlos, Marias e tantos outros e outras, Regina segue

como um rio, fluxos, processos, fruta madura, um bom vinho! No entre saber e sabor, na fronteira, hibridizando-se, fazendo feitiçaria e nos encantando, esta mascate da educação faz caminho, caminhando, falando, escrevendo e espalhando histórias de professores e da escola pública. Esta é a maneira andarilha que Regina (2000, p. 45) encontrou com seu trabalho aguerrido, que não se cansa, uma vez que está bem certa que, nesse ofício, o que ela busca garantir é a “preservação da memória da categoria magistério”. Na condição de andarilha e griô⁴, implicada com a escola pública, Regina vai nos dizer:

(...) estas histórias narradas pelas professoras vão constituindo uma memória coletiva que, espero, possa contribuir para recuperar um autoconceito positivo e um sentimento de potência criadora, que um dia as professoras tiveram, já que hoje se assiste a uma ação orquestrada de desmoralização a partir da falsa ideia de que a escola risonha e franca morreu e que agora é preciso eficiência que acompanhe a lógica de mercado. (GARCIA, 2000, p. 45)

Acontecimentos: e se o outro não estivesse aqui, aí, ali e acolá?

Tive privilégio de ouvir pela primeira vez Regina Leite Garcia na condição de andarilha griô, ainda em Formação, no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Minas Gerais na década de 1990, campus de Carangola. Naquele momento, Regina nos convocava a assumirmos e a desejarmos a docência em sua dimensão política emancipatória com o exercício da pesquisa e num movimento hifenizado de ação-reflexão-ação. Ou, como naquele momento Kenneth Zeichner (2002, p.33) e outros e outras, implicados com a condição dos praticantes da educação, denominavam como “movimento da prática reflexiva de professores”.

Regina dialoga com suas pesquisas com professoras e a escola pública e com teóricos da educação como Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin, Justa Espeleta, Elsie Rockwell, Michel de Certeau, Boaventura de Sousa Santos, Edgar Morin, Humberto Maturana, Heinz von Foerster, Carlos Ginzburg, Michel Foucault, Ilya Prigogine, e com outros e outras que não consigo recuperar neste momento. Na mais íntima relação com o ensinar e aprender, mostrava-nos, porque precisamos em alguns momentos do excedente de visão do outro, o que já

⁴ Palavra de origem africana, que diz respeito àqueles que se reúnem para contar histórias. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/gri%C3%B4s/6090/>. Acesso em: 30 maio 2016.

sabíamos sem saber que já sabíamos. Regina nos fascinava e nos fascina com a sua capacidade de juntar e de compreender as relações macro e micro que atravessam a complexidade que é o cotidiano escolar e os sujeitos em práticas. As dimensões políticas da educação e do ato de educar estão como pergaminhos tatuados em Regina em seus exercícios corajosos com a potencialização da escola pública e de seus professores. A escola para Regina não se resume à arquitetura que conhecemos e que se fez a conhecer na modernidade em sua obsessão pelo pensamento único. Sua prática aguerrida não se resume ao campo da escola. A escola está por toda parte, Regina não nega isso. Mas deslocamentos e convocações da educação popular ampliaram as redes e as lutas de Regina. Mas lá está a escola, nunca no singular, mas escolas que cabem dentro de escolas.

O cotidiano da escola e o que lá acontece, porque feito de gente, muito lhe interessam. Os interesses de Regina pelos estudos com os cotidianos acontecem e se fortalecem como campo epistemológico por compreender que nesse espaço-tempo cindido “vive a nos revelar em suas dobras que, ao se desdobrar, deixa aparecer o que estava escondido e que à primeira vista não aparecia” (GARCIA, 2003, p. 193). Mas não só isso! Regina acrescenta este pensamento nos dizendo que, para ela,

(...) o cotidiano é a hora da verdade. É ali que os grandes projetos, as grandes explicações, as grandes sínteses, as grandes narrativas e as grandes certezas são confirmadas ou negadas, e o que complica ainda mais é que às vezes é a mesma certeza que num momento é confirmada, no momento seguinte, é negada. É ali, no cotidiano, que sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, subalternizados, resistem, usam astúcias para se defender das estratégias dos poderosos, se organizam para sobreviver, e assim vivem, lutam, sobrevivem e, como todos os mortais, um dia morrem. Não esquecendo que uns morrem antes do que outros, dadas as condições de vida, no limite da morte, a que estão expostos. (GARCIA, 2003, p. 195).

Regina nos ensinava naquela palestra, valendo-se de uma fala/experiência política que colocava fogo no pensamento e deslocava desejos como esperança em professores do interior de Minas Gerais. Com Paulo Freire, Regina nos ensinava, naquela palestra, que foi ensinando e aprendendo socialmente que homens e mulheres descobriram que era possível ensinar e, se ensinamos porque aprendemos, refletimos no/com/em e sobre o ato pedagógico e os sujeitos nele envolvidos.

Regina de forma irrequieta, pois é puro movimento, filha do vento, ia nos mostrando que – à medida que nos colocamos em processos de pensamentos, desenvolvendo modos próprios de ensinar entre *redes de saberes* cotidianos, como forma de garantir o sucesso e aprendizagem das crianças – exercitamos a *artístagem* novidadeira que nos faz professores. Ação-reflexão-ação que desenvolve no junto, nos aproxima do paradigma em voga naquele momento nas políticas de formação de professores, que valora e aposta nos sujeitos em práticas como professor pesquisador, na “luta pela justiça social” (ZEIKNER, 2002, p. 42). Justiça social, me parece ser o fio que une os sentidos que podem ter o trabalho dessa *militante professor pesquisadora*.

Éramos erguidos à condição de sujeitos pesquisadores. Compreendíamos também, ainda que não acontecendo no aqui/agora/acontecendo da fala de Regina, que *prácticateoriaprática* se fundem na ação e oferece aos professores insatisfeitos com uma única versão da escola e das práticas de professores curiosidades epistemológicas que lhes permitissem compreender as razões de agir deste e daquele jeito. O sujeito da docência, suas práticas, seus inconformismos e curiosidade ganham destaque em Regina Leite Garcia naquela palestra e, por que não dizer, lhe é companhia de uma vida toda.

Foi a primeira vez que ouvi, de uma professora implicada com a formação de outros professores, que os professores da escola pública eram e deveriam se ver/desejar/reconhecer em si e assumir a condição de professores pesquisadores, não como mais uma moda das políticas neoliberais de formação de professores em voga nos anos 1990, mas, antes de tudo, como direito. Fui melhor compreendendo isso, ao ler:

(...) o que acontece, e sempre aconteceu, quando a professora está comprometida com o sucesso de todos os seus alunos e alunas, quando não se conforma com o fracasso escolar, e mais, quando não aceita as explicações que colocam nas crianças a responsabilidade por seu próprio fracasso? Este compromisso, este inconformismo, esta busca de soluções para um problema que aflige a professora, a leva a assumir uma postura investigativa. (...) A professora inconformada com o fracasso escolar intui que precisa criar alternativas pedagógicas favoráveis aos alunos e alunas que não estão avançando como ela esperava. (...) Pesquisar ajuda a ver o que antes não via, simplesmente porque não compreendia (GARCIA & ALVES, 2002, p. 118).

Regina conversava com aquele grupo de estudantes de pedagogia colocando lenha na fogueira e nos atiçava a ver o que sempre esteve lá, os processos inventivos e de luta dos professores no sucesso das crianças das classes populares em processos de alfabetização e de escolarização. Preciso afirmar com Guimarães Rosa (2001, p. 113) que “estou contando assim, porque é o meu jeito de contar”. Outros que lá estavam contariam de outros jeitos. Mas não posso negar que os tradicionais paradigmas e fundamentos da educação e da racionalidade técnica, que até aquele momento hegemonicamente estavam presentes na formação de professores – de que Regina fazia a crítica, e sua crítica era construída de forma segura, contrapondo-se aos discursos oficiais que não conseguiam e ainda não conseguem compreender o que acontece no cotidiano escolar – não compreendem, porque não têm olhos de ver e, se não veem, não compreendem.

Até aquele momento só me era possível pensar o lugar de pesquisa, para os sujeitos iluminados, os “grandes” filósofos, sociólogos e psicólogos da educação com os quais dialogava em meu curso. Fiquei provocado, fui provocado, melhor, fui desafiado. Era o filho da lavadeira sendo desafiado a ocupar os lugares que até então eram destinados a alguns. Regina plantava/planta esperança! E daquela palestra saio com o livro *Cartas Londrinas e de outros lugares da educação* em mãos. E aquele texto de Regina me ajuda a ver melhor o que sozinho não me era possível. Seu texto me falava de gente que conhecia sem conhecer, gente de todo tipo e de todos os lugares cabiam naquele texto. Logo, porque provocado a melhor saber sobre mim e o exercício da docência comprometido com a justiça social, especificamente com a alfabetização, vinculei-me ao Programa de Pós-Graduação Lato sensu “Alfabetização”, oferecido pela mesma instituição.

Assim, alguns professores e professoras, como Domingos Nobre, Carmén Sanches, Edwiges Zaccur, Tereza Esteban, Irine Giambiagi e outros – que compunham o Grupo de Pesquisa Alfabetização dos alunos e alunas das classes populares (Grupalfa) e que viviam naquele momento a experiência de mestrandos e doutorandos sobre a orientação de Regina Leite Garcia – tornaram-se meus professores. Nessa experiência de (des)aprendizagens na formação *Lato Sensu*, especialização em Alfabetização, o meu/nosso desejo como implicação política pela formação a nível de mestrado torna-se extremamente aguçado e passa a ser perseguido como compromisso. Sabia que a tarefa não seria fácil, ninguém me disse

que seria, mas preciso afirmar que não foram poucos os Professores vinculados ao Grupalfa que me disseram que era possível. Vem, coragem, você pode!

Em 2002, chego à Universidade Federal Fluminense na condição de aluno, levando comigo o compromisso com a escola rural, seus sujeitos e suas histórias. Fui orientado por Edwiges Zaccur, mas não só! O sozinho não existe naquele grupo de pesquisa. Regina Leite Garcia, Teresa Esteban, Carmém Perez, Joanir Gomes de Azevedo, João Batista e Victor Vicent Valla faziam e viviam esta experiência de forma comprometida com o conhecimento coletivo. Por isso e assim, todos, juntos e misturados, compunham a construção daquele trabalho de pesquisa e a minha experiência formativa como exercício da pergunta como curiosidade. Digo junto e misturado, por sentir que aquele grupo de orientação, orientação coletiva, “na qual sempre cabe mais um”. O que nos torna mais um naquele grupo é o “compromisso com a construção de um mundo onde outros mundos sejam possíveis” (GARCIA, 2008, p. 207).

Aquele grupo (como fio teço outras histórias e composições) compreende e também persegue a ideia de que “É no junto do que sabe bem, que a gente aprende o melhor” (ROSA, p. 361). Quanto à orientação coletiva, a aposta epistemológica do Grupalfa e de Regina é de que “tod@s vão descobrindo é que no coletivo que se cria para além do esperado. E que vemos mais e melhor com o olho do outro (...)” (idem, 2010). O uso do @ começa a aparecer nos textos de Regina como afirmação de gênero e de outros gêneros, que, por existir, borram o confortável lugar destinado ao masculino e ao homem heterossexual, mas não é só isso.

Vivia o Mestrado na condição de aluno mochileiro. Carangola a Niterói, como dizem no interior é um “pá de chão”. Mas isso não era um problema. Aprendi com os movimentos sociais do campo que “o longe fica perto quando se caminha adiante”. Regina, após suas aulas, sempre me dava carona até a Rodoviária do Rio de Janeiro. Gostava daqueles momentos. As caronas com Regina eram sempre um rico e belo motivo para mais um dedo de prosa e aprendizagens. Em nossas aulas, íamos compreendendo o sentido de crise de compreensão para os saberes das classes populares, a força do pensamento único, do eurocentrismo, do colonialismo, do patriarcado, do machismo sobre a educação, as práticas educativas e os currículos. Regina não só fazia a denúncia! Sua vida como professora é feita de

histórias e de boas histórias de professores inconformados com os determinismos, com a não aprendizagem e o insucesso dos estudantes e professores da escola pública.

Nos encontros com Regina, cabia um mundo inteiro de conversas. Práticas de professor@s, estudantes atrevidos que a faziam pensar outras coisas, cultura popular, poesia, literatura, cinema, teatro, dança, religiões, etnia e raça, favela, gênero, sexualidade, periferia, e tudo isso ao sabor da boa costura teórica que só Regina no misturado sabe fazer. E por que precisamos de boas teorias para nos pensar e pensar com o outro em educação? Regina responderia, nesse momento, que

Buscamos na boa teoria melhores explicações para a complexidade da realidade com a qual nos deparamos. Não apenas para compreendê-la, mas para podermos criar coletivamente com a teoria estratégias de intervenção transformadora numa perspectiva emancipatória. A prática, para nós, é portanto o critério de verdade; é ela que convalida a teoria. Assim, partimos da prática, vamos à teoria resignificada, atualizada, recriada, dela nos valendo para melhor interferirmos na prática. (...) Esta a razão de nossa defesa da prática como lócus de teoria em movimento, reatando assim o que foi rompido no momento histórico em que foram separadas a teoria e a prática como lócus de teoria em movimento, reatando assim o que foi rompido no momento histórico em que foram separadas a teoria da prática, quando a prática foi desqualificada pelos que passaram a se autodenominar “cientistas” (GARCIA, 2003, p. 12).

Bela explicação!

E a bichice como pensamento sensível e implicado como questão de estudo começa a aparecer nessa relação

Certo dia, numa de nossas conversas em aula, carona, restaurante, não lembro mais, fui desafiado por Regina a escrever um texto sobre cotidiano escolar e homossexualidade. Não sabia nada para além da experiência empírica sobre homossexualidades. Mas sabia que tinha muito a saber. Tive medo! Mas é com medo e tirando sarro do medo que entro no movimento de Regina. Gostei da provocação. Era possível viver uma bicha academicamente e, se era possível vivê-la na academia, por que não em todos os lugares? Aproveitei o senso de ocasião. Não podia fazer feio, muito menos deixar de responder àquela provocação.

Regina é como o vento bravo, que não deixa nada muito tempo parado no lugar. Gente e pensamento parado não se criam perto dela. Vale lembrar ainda com Guimarães Rosa (2001, p. 383) que o medo é “um produzido dentro da gente, um depositado; e que às horas se mexe, sacoleja (...). A vida é para esse sarro de medo se destruir”.

Assim, tirando sarro do medo e do tempo, num exercício de coragem, acho importante reeditar aqui o texto escrito a convite de Regina e publicado no jornal português *A Página da Educação*, para compreendermos que não somos mais os mesmos, quem dirá Regina Leite Garcia. Mas uma coisa hoje eu sei. Regina foi extremamente respeitosa com aquele texto. Era o que me era possível naquele momento.

Distante, mas dentro do texto, porque também sou ele, me chamam a atenção as preocupações que tínhamos naquele momento. Algumas delas se mantêm e se desdobram em inúmeros projetos de pesquisas desenvolvidos e em desenvolvimento. Questões como identidade, representação, homossexualidades, masculino e feminino eram o que dava o tom de nossas conversas naquele texto. Naquele momento a visibilidade da identidade homossexual como direito era o que dava um tom. Nenhum problema nisso. Preciso afirmar que, por se tratar de um texto no limite de um jornal, ele se desdobra no presente numa vida de pesquisa com as sexualidades. E, com este texto, mostro muito o que supunha ser/saber e desejar naquele momento.

Homossexualidade: um descobrir cotidiano⁵

O cotidiano escolar há muito vem sendo palco de reflexão, de resistência/insistência, dos porquês, para que, a favor do que/quem e contra o que/quem. Para além disso é um espaço aberto aos conflitos – às belas e tensas narrativas. A partir desse lugar na condição de aluno/professor, a questão da sexualidade, alicerçada na sentimentalidade, nas sensações, na fisicalidade, no tempo e no espaço, acompanha minhas interrogações. Venho interessando-me de forma crescente e apaixonada a compreender as estratégias que os professores homossexuais se valem para (re)inventar e ocupar lugares na escola primária. Ao trazer essa temática que apenas anuncia múltiplas possibilidades de (re)leituras, tento abrir mão, ainda que temporariamente, do paradigma que nos enquadra e nos classifica em relação ao sexo. Foucault (1) nos ensina que o sexo tornou-se a *razão de tudo*. Seguindo essa linha de raciocínio, a escola primária nesse último século vem sendo o lócus ideal para a atuação/profissão feminina. Sendo esse espaço cada vez mais feminino, surgem

⁵ Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=133&doc=10036&mid=2>. Publicado em 13 de abril de 2004. Acesso em: 29 maio 2015.

perguntas: Com que lentes as professoras olham e veem os professores homossexuais? Quais as máscaras que são postas e retiradas na escola com a chegada desses professores? Considerando vitais essas perguntas, vou percebendo que se faz necessário (re)mexer a infância e seus espaços formativos. Buscar a infância é a tentativa de compreender a formação (em aberto) da identidade. Entender as representações do estar sendo professor na condição de homossexual me faz atrelar parceria com um determinado tempo, para ser possível problematizar os vetores que atravessam essa escolha.

Nunca entendi bem ao certo como é que foi se produzindo cotidianamente minha sexualidade, nem muito menos como essa foi tomando forma, fora da fôrma e se estabelecendo, forjando, criando e sendo criada fora do modelo. O que sei é que os meus não-saberes se fizeram segredos de criança, atormentando os meus pensamentos, o meu corpo, os meus desejos, a minha forma camaleônica de ser, de me esconder e às vezes – raras vezes – aparecer. Vivi a infância aprendendo um jogo de que não conhecia as regras e nem os adversários, era um jogo de experimentações. Aprendi naquele tempo que algumas coisas que se manifestavam em minha fala, em meus gestos, em minhas escolhas não eram interessantes aos olhos e ouvidos de muitos, principalmente do mundo masculino e, nisso, estão também as mulheres de minha vida. Era preciso me esconder para sobreviver na clandestinidade, com o ainda não conhecido, mas que estava latente. Nesta vivência, experimentava-me na arte da luta e da guerra. À medida que ia crescendo, para dentro e para fora, atento ao que era e não era permitido, ia percebendo que o meu ser e o ainda não ser eram objetos de discussões, de interrogações, de críticas e de culpabilizações. Por volta dos meus sete anos de idade, assistindo a uma telenovela em família, disse: *Como aquele moço da novela é bonito!* Como resposta que me fez calar por muito tempo ouvi de meu pai: — *Homem não acha homem bonito. É pecado homem achar homem bonito. Homem precisa achar mulher bonita e gostar de mulher.*

Aquela foi a primeira vez que um adulto havia me dito com todas as letras que minha sexualidade não era bem-vinda, além disso, feria as leis de Deus. Meu irmão mais velho, ao mesmo tempo em que me protegia de seus amigos insensíveis, me impedia de viver algumas das aventuras permitidas aos meninos. Esse *protetor*, na mesma proporção que me queria como parceiro, me impedia de viver as aventuras do mundo dos meninos por achar que era fraco e delicado. Entre o querer e o proteger, a proteção me confinou ao restrito espaço da casa e ao universo dito feminino. Entre tantas coisas ouvidas na infância, não me esqueço das frases cantadas em coro na escola por alguns colegas, que por sinal me incomodavam e entristeciam: *Mulherzinha, mulherzinha, mulherzinha.* Não compreendia o lugar da ambiguidade. Como poderia ser mulherzinha se era dotado de todas as características dos outros meninos? Não era menino nem menina! O que na verdade eu era? A escola não enxergava que isso acontecia e, se via, não intervinha. Talvez a não intervenção da escola se desse ao fato de não querer me expor e se expor. Misturava a esse coro outras formas agressivas de perguntas que ficaram sem respostas: *Você é menino ou menina?* Sabia que não era menina. Só não sabia ainda que para o que eu era, sou e estou sendo haviam inventado vários conceitos. Por último, essa sexualidade vem sendo denominada *por mim* de homossexualidade. Fugindo do sufixo *ismo*, conotativo de doença, aposto na ideia de que: *Ser um homem feminino / não fere o meu lado masculino. / Se Deus é menino e menina / sou masculino e feminino* (Pepeu Gomes).

Vivendo a experiência do mestrado de forma muito tímida em meus estudos com o campo das sexualidades e de gênero, não posso negar que foi Regina Leite

Garcia quem mais uma vez atíça fogo na fogueira e me faz querer fazer caminho nos estudos de gênero e sexualidade. Implicando com os estudos das sexualidades e de gênero, vou encontrar em Carlos Eduardo Ferraço, ex-orientando de Regina Leite Garcia e no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, a possibilidade de poder ampliar as conversas iniciadas com Regina Leite Garcia. Carlos Eduardo Ferraço é um dos fios das redes de Regina e que continua, nas terras de cá, lançando sementes.

No Doutorado pude desenvolver um trabalho de pesquisa que foi intitulado “Sexualidade(s) e Currículo(s): práticas cotidianas que nos atravessam produzindo experiências” (2009). Posso afirmar – porque naquele momento de desenvolvimento da tese não sabia – que o meu doutoramento é um dos fios e desdobramentos daquele texto escrito para Regina no jornal *A Página da Educação*. Regina estava lá! Regina está aqui/agora me ajudando na escrita desse texto como ensaio. Ela sempre vai estar. A tese de doutorado mostra para mim e para Regina que não somos mais os mesmos.

Concluindo o doutorado e aprovado em 2009 em um concurso para o Centro de Educação da UFES, inauguro com muitos outros em 2010 o Grupo de Estudos em Sexualidades (GEPSS/Ufes). E, de lá para cá, Regina Leite Garcia se faz presente com seu pensamento fogo e como vento nas composições generosas, carregadas de amorosidade em nossos trabalhos e de meus orientandos que brevemente estarão compondo outras frentes de trabalho, levando Regina Leite Garcia e seus ideais de uma escola mais bonita, compromissada com a justiça social. Com este texto e seus deslocamentos, afirmamos com Guimarães Rosa (2001, p. 39) que “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”.

Acreditamos no Grupo de Estudos e Pesquisas em sexualidade que “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (ROSA, 2001, p. 327). E é porque queremos viver perto do outro e com o outro, compondo outras histórias, é que Regina Leite Garcia – seu pensamento, seus

modos de trabalhar, de acreditar e de lutar – nos permite tensionar o que sabemos sobre educação e sobre nós mesmos. No livro *Currículos, gênero e sexualidade: experiências misturadas e compartilhadas*, primeiro livro sob minha organização, de forma generosa, puxando memórias, fios de histórias, no formato prefácio, Regina está lá. Sempre compondo e nos ensinando com suas histórias. Histórias é que não faltam para esta pesquisadora griô. Generosamente, segue o texto de Regina.

Currículos. Gêneros, Sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas é um livro que nos leva inevitavelmente a mergulhar em nosso baú de memórias e dele puxar nossas lembranças de escola, seja como aluna, seja como professora, seja como orientadora educacional, que o fui por muitos anos de minha vida profissional. A primeira lembrança que me vem é na condição de orientadora educacional de uma escola no Rio de Janeiro, em Botafogo, tendo criado um Núcleo de Arte, em que, duas vezes por semana, recebia as crianças que me eram encaminhadas pelas professoras, e com elas desenvolvia atividades de música, teatro, contação de histórias, desenho, pintura, modelagem, recorte e colagem.

O que me veio do meu baú de memórias foi um menino, cuja professora me enviou por ele estar convidando colegas para práticas homossexuais no banheiro e ela não sabia como lidar com o que para ela era um sério problema. Em geral os trabalhos que aquele menino fazia em nosso Núcleo de Arte eram meras cópias do que algum colega fizera, e a ele parecera bonito. Ele era sempre o último a se despedir de mim ao ir-se embora. Até que um dia ele fez um belo e significativo trabalho. Estava ali a sua problemática recriada, história que eu conhecia por ter-me sido contada por sua mãe e pela professora, cada uma sabendo uma parte da história – o pai estava morrendo de câncer e a mãe, para tirá-lo do sofrimento da perda do pai, resolvera mandá-lo para a casa de sua tia que tinha um filho adolescente, que o iniciara em práticas homossexuais, único momento de prazer que ele vivia. O menino em pauta se valeu de barro, 4 pedaços de giz, algodão, pano, tintas e pincéis. Pela primeira vez ele se manteve absolutamente concentrado no que fazia. E, ao acabar o seu trabalho, se levantou e se despediu de mim. Eu lhe perguntei se ele queria fazer mais algum trabalho, ele respondeu que não e saiu.

Tivesse ele uma professora que tivesse lido este livro, e ela teria tido condições de melhor compreender o que aquele menino estava vivendo, sofrendo e descobrindo o prazer e, ao invés de querer recolocá-lo na norma, ou seja, na matriz da masculinidade hegemônica, impondo-lhe as proibições e imposições de uma heterossexualidade, que têm valor de verdade na escola, quem sabe, chegasse a criar um currículo que incorporasse as questões referentes a gêneros, sexualidades e corpos carregados de desejos. Este livro, a meu juízo, deveria ser distribuído e discutido nas escolas, dada a importância de tratar de algo que em geral é silenciado nas escolas de ensino fundamental, pois desde a infância

é ensinado às crianças que "isso é de menina e isso é de menino". Pois, conforme Simone de Beauvoir, citada num dos textos deste livro, ninguém nasce mulher, mas faz-se mulher. Parece que assim também acontece com os homens.

Lendo e discutindo este livro, as professoras iriam compreender o corpo como a base onde o conhecimento é significado e se tornariam mais atentas à rebeldia do cotidiano, cheio de astúcias e artimanhas onde se dá a potência da vida. O livro é muito bem escrito e bem fundamentado, partindo cada texto da prática, a qual é confrontada no que há de melhor em termos de teoria, trazida em seu sentido explicativo. É denunciada a contradição da defesa de uma política de direitos humanos enquanto o direito de ser gay é interdito. E o "ser mais" de Paulo Freire, como fica, com as interdições em relação ao direito à diferença, se nem iguais a nós mesmos somos? Os textos nos ajudam a melhor compreender as consequências das temáticas silenciadas na escola e o falso moralismo no qual se baseiam as interdições, negadas por corpos que falam, apesar do que acreditam negar as palavras pronunciadas por bocas controladas. Só posso defender que este livro há que ser lido por todos e todas que lutam por uma qualidade-outra na escola. Ler este livro há de nos levar a refletir sobre quem somos e o que diz ou esconde o corpo de cada um e uma de nós.

Regina Leite Garcia

Para não concluir: apenas *Reginar* e, com Guimarães Rosa (2001), embichado e agradecido, ainda digo:

Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.
Toda saudade é uma espécie de velhice
Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

Referências

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. In: FOUCAULT, Michel. *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Coleção Ditos & Escritos)

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite (org.) *Método; métodos; contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003.

GARCIA, Regina Leite. *Cartas Londrinhas e de outros lugares da educação*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

GARCIA, Regina Leite. Currículo emancipatório e multiculturalismo: reflexões de viagem. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio. *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GARCIA, Regina Leite. O processo de orientação coletivo: práticas interculturais. In: GARCIA, Regina Leite; ZACCUR, Edwiges (orgs.). *Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes*. São Paulo: Cortez, 2008.

GARCIA, Regina Leite. Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SOARES, Magda; FOLLARI, Roberto A.; GARCIA, Regina Leite (orgs.). *Para quem pesquisamos: para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Regina Leite. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda _____ (orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio. Começando uma conversa sobre currículo. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). 4. ed. *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo: Cortez, 2012.

MAFFESOLI, Michel. *O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ZEICHNER, Kenneth. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, Maria Teresa;

ZACCUR, Edwiges (orgs.). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.